



GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos – Trabalho 492

DA SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA AO ENGAJAMENTO MILITANTE: NARRATIVAS DE JOVENS AMBIENTALISTAS DO ESTADO DA BAHIA

Hélio Souza de Cristo – UEFS

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

O presente estudo busca refletir os processos de socialização que figuram as trajetórias juvenis como disposições ao engajamento na militância em grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas. Neste sentido, pensa-se também na imbricação da escola enquanto espaço educativo formal e de socialização das gerações. A relação entre juventude e meio ambiente é estudada considerando as categorias “engajamento militante” e “socialização política” como ferramentas que contribuem para a formação e construção dos projetos e trajetórias de vida dos jovens ambientalistas enquanto sujeitos sociais e políticos. O trabalho é tecido em uma perspectiva sócio-histórica, onde meio ambiente é entendido como campo de lutas e conflitos perpassado por questões sociais, políticas, culturais, éticas e econômicas. Metodologicamente, trabalhou-se numa perspectiva qualitativa com realização de entrevistas semiestruturadas como aporte metodológico à produção de narrativas. Por meio das narrativas, percebeu-se que as relações escolares, familiares, com grupos de sociabilidades, participação em sindicatos, associações e pastorais da juventude influenciam no engajamento militante juvenil ambientalista.

Palavras-chave: Juventude. Engajamento Militante. Socialização Política.

JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE: VELHAS QUESTÕES, NOVAS ABORDAGENS

Como podemos pensar em Meio Ambiente sem considerar os jovens? É possível refletir sobre Sustentabilidade sem pensar neles? Que efeitos sociopolíticos uma juventude ambientalista engajada e militante produz?

Responder a essas questões não é tarefa fácil! Até mesmo porque as produções de pesquisas que perpassam o campo da juventude e meio ambiente não possuem um número significativo, especialmente no que tange ao que os jovens pensam e sabem sobre meio ambiente e o seu papel na construção de sociedades sustentáveis. Por isso, educação aqui é entendida como um processo amplo e dinâmico que se dá para além dos processos formais da escola.

Este texto foi produzido a partir dos resultados de uma pesquisa de mestrado em Educação, cuja temática foi sobre juventude e meio ambiente, que suscitou questionamentos sobre as motivações que impulsionam e influenciam a juventude a se engajar em questões ambientais, assim como ingresso e militância em movimentos ambientalistas.

A aproximação e aprofundamento com o tema permitiu buscar compreender o seguinte problema de pesquisa: “*Quais processos de socialização levam os jovens a se engajarem em movimentos, coletivos, organizações e grupos ambientalistas?*”.

A problemática acima busca compreender quais eventos, experiências, ensinamentos, processos de socialização e sociabilidades estão presentes nas trajetórias de vida da juventude que motivaram a sua aproximação junto aos movimentos ambientalistas.

Pressupõe-se que a militância – nas suas mais diversas modalidades de engajamento – é fruto de processos de aprendizagens, transmissão de valores, condutas, posturas, redes de contatos e vivências. Nessa perspectiva, a pesquisa contou com a participação de dez jovens de diferentes municípios do estado da Bahia, com idades entre 15 a 29 anos, tendo o engajamento e/ou a militância em grupos, coletivos, organizações ou movimentos ambientalistas como critério-chave para a participação como sujeitos da pesquisa.

Metodologicamente, a pesquisa de campo foi realizada em dois momentos: primeiro, com a aplicação de um questionário, a fim de conhecer o perfil socioeconômico dos jovens e ter noções iniciais do lugar que esses jovens falam. Segundo, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas audiogravadas como caminho favorável à construção das narrativas juvenis.

A perspectiva de juventude assumida neste trabalho tem um caráter cultural e parte da consideração de que os jovens são seres políticos, históricos e sociais capazes de intervir e propor alternativas às questões ambientais que têm sido alvo de inquietações e preocupações nas agendas mundiais. Assim, a interação da juventude com os processos ambientais, possibilita a construção de suas trajetórias de vida, e ao mesmo tempo reflete que “ser jovem não é tanto um destino, mas escolha de transformar e dirigir a existência” (CARRANO, 2013, p. 99).

SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA JUVENIL: UMA CATEGORIA EM DISPUTA

Os olhares das pesquisas sobre jovens em seus mais diversos territórios e formas de relações que expressam sua participação social, sua atuação protagônica e seu engajamento seja no contexto social, político, ambiental, econômico e cultural partem da premissa, segundo Ribeiro (2014), de que esses jovens não devem ser separados da condição de sujeitos da ação, das suas relações e dos seus vínculos geracionais, dinâmicos, relacionais e territoriais.

Os espaços pelos quais os jovens ambientalistas transitam e atuam – família, escola, universidade, trabalho, grupos, coletivos, organizações e movimentos – para além de espaços que forjam suas identidades acabam assumindo a condição de lugar de socialização e formação política.

Dialogando, Nazzari (2006) e Almeida (2008) apontam a necessidade de ampliar a visão sobre o termo “socialização política”, visto que ele não está circunscrito apenas no âmbito dos partidos políticos, isto é, para as autoras, os estudos sobre juventude e socialização política têm mostrado que a participação política dos jovens vem ocupando, cada vez mais, os espaços públicos e instituições externas ao eixo político-partidário.

O engajamento de jovens ambientalistas se constitui como ato político, uma vez que envolve lutas, conflitos, jogos de interesses, disputas e expressão de pontos de vista que, por vezes, revelam embates e choques com os modelos convencionais e pensamentos estabelecidos de diferentes gerações.

Brenner (2014, p. 32) afirma que

as pesquisas sobre juventude no Brasil ainda são pouco frequentes no que diz respeito à interface dos jovens com a política, seja em relação à transmissão de valores políticos, seja em relação aos engajamentos de jovens nas mais variadas modalidades de militância.

Na relação entre socialização, engajamento e juventude, percebe-se a necessidade de repensar a noção de espaço público e a visão sobre o termo “política”, em virtude da própria polissemia e plasticidade do termo juventude e as diferentes formas como os jovens constroem seus repertórios e percursos de vida. Dessa maneira, é importante perceber que

o espaço público é síntese de múltiplas dimensões materiais, políticas e simbólicas. Engajamentos militantes e ações coletivas juvenis, a despeito da narrativa desencantada que só enxerga alienação e consumismo dos ‘jovens de hoje’, são também eixos constitutivos das

culturas juvenis nos espaços públicos [...] A questão principal da condição moderna é a de saber como o indivíduo pode se situar no mundo e com quais suportes pode contar, ou ainda é capaz de articular em seu ambiente, para se sustentar no mundo (CARRANO; FÁVERO, 2014, p. 14).

Partindo desse pressuposto, os jovens não são sujeitos políticos do vir-a-ser. O próprio contato original das gerações atuais com as culturas preestabelecidas pelas gerações anteriores convoca e solicita dos jovens: posicionamentos, posturas, pontos de vista e formas de lidar entre a significatividade do passado, a transmissão de valores no presente e as suas intenções para o futuro.

Nessa perspectiva, assinala-se que a socialização política dos jovens ambientalistas maximiza o meio ambiente como lugar de conflitos, disputas e uma problemática em que questões de ordem da vida pública e privada se encontram, onde convergem interesses sociais, políticos, econômicos, culturais, ideológicos e ambientais.

É nesta sintonia e em uma visão mais ampla que

a socialização política é utilizada como melhor termo para explicar os processos de transmissão de atitudes, escolhas, preferências, símbolos, comportamentos políticos e representações de mundo [...] A socialização constitui-se na introdução do indivíduo no social e é um dos princípios da formação da identidade (BRENNER, 2014, p. 32-33).

Aproximar ou dar visibilidade ao papel da socialização política juvenil em torno das questões socioambientais são processos que se sustentam nos hiatos entre o passado, presente e futuro das marcas deixadas pelo ser humano em sua relação com o planeta e os processos formativos em que os jovens estão imersos nos coletivos, grupos, organizações e movimentos ambientalistas.

Para entender a dimensão e complexidade das relações entre juventude e socialização política é preciso, primeiramente, considerar que “a participação política dos jovens não se faz no vazio cultural e histórico, mas em sociedades reais que carregam as marcas singulares de sua história e as dificuldades específicas de seu presente” (CASTRO, 2008, p. 253).

Dessa maneira, mesmo em face aos desafios, a participação social e as relações de socialização e sociabilidades juvenis têm marcado cada vez mais presença na busca pela efetiva democracia. O que há, então, de novo com a geração atual? É possível perceber o (re)nascimento de uma juventude mais solidária, engajada, participativa, mais imbricada com os espaços públicos, que questiona o conservadorismo e os pilares

da sociedade de consumo e exploração. Por meio das suas atitudes e representações de mundo, a juventude tem mostrado que não se constitui como categoria apática e vem assumido o poder de decisões e escolhas, como poderá ser visto nas próximas seções.

Que bases sustentam os percursos da juventude ambientalista?

Ao discutir sobre os processos de socialização de jovens engajados em movimentos e organizações ambientalistas, Dubar (2005) chama a atenção que é preciso estar atento às interações e relações que socializam, tecem e constroem a visão dos jovens entre aquilo que é público e privado, universal e particular. Isto é, para o autor, as diferentes formas com que os jovens interagem em sociedades, bem como seus diferentes interesses por determinados engajamentos estão muito relacionados aos espaços e lugares sociais que os jovens mantêm contato, transitam, identificam-se e convivem socialmente.

Assim, à luz da problemática que delinea este trabalho, opta-se por apresentar o mosaico de socialização de onde emanam as disposições juvenis ao engajamento militante ambientalista. Por isso, entre os dez jovens entrevistados, optamos metodologicamente pela formação de quatro grupos, descritos a seguir, cujos critérios de formação foram as semelhanças e diferenças que aparecem nas narrativas dos jovens quanto aos seus processos de socialização como disposição ao engajamento militante juvenil.

- Jovens oriundos de famílias com alguma preocupação com o meio ambiente

Nas narrativas dos jovens que compõem este grupo fica evidente que, embora a maioria dos seus pais tenha incentivado na valorização na relação ser humano e natureza, boa parte dos pais não comunga muito com a ideia dos filhos se engajarem em movimentos ambientalistas e, dentre muitos fatores, encontra-se a justificativa de que não é um campo provedor de retorno financeiro e promissor de reconhecimento social.

Para este caso, podemos tomar como exemplo a experiência de Davi¹:

A minha vida, na infância, eu comecei com a questão de família. Sempre tem a questão de família. Minha mãe sempre falou: “Não jogar o lixo no chão. Não fazer isso, não fazer aquilo outro”. E eu fui adquirindo esse repertório aos poucos, apesar de minha família não acreditar muito nesse altruísmo de se engajar em uma coisa sem fins lucrativos.

¹ Todos os nomes dos sujeitos que aparecem no presente texto são fictícios.

Embora considere a importância e influência da família como núcleo onde surgiram os primeiros estímulos para o seu engajamento e afirme que sempre foi muito apegado à natureza de forma geral, Davi reitera que o despertar e aprofundamento maior com a temática meio ambiente ocorreu em 2005, quando conheceu o Greenpeace, num ativismo que o grupo realizou com a exposição de banner no Elevador Lacerda em Salvador-BA. A partir desse trabalho, ele criou uma simpatia muito grande por essa ONG e passou a pesquisar sobre o grupo. Depois de um tempo, conseguiu entrar em contato com o grupo e acabou ingressando como voluntário.

De modo semelhante, Lorrana diz que a origem do seu engajamento ambientalista está muito relacionado à relação que sua mãe tinha com o meio ambiente e que serviu de referência para ela, desde a infância:

Desde a minha infância, foi com a ajuda da minha mãe, porque ela me ajudou e me ensinava a plantar horta aqui e/ou rosas vermelhas. [...] Acho que isso me aproximou do movimento ambientalista, do que eu amo fazer. Minha história no movimento ambientalista começou com minha mãe.

Nota-se na narrativa de Lorrana o quanto as questões da vida pública e privada, e suas próprias subjetividades, podem se aproximar enquanto dispositivos de socialização ao engajamento militante ambientalista. Dessa maneira, embora sua mãe não se engajasse em qualquer tipo de ação ou movimento ambientalista, há uma influência relativamente próxima entre as vivências de Lorrana na infância, o contato com a natureza por intermédio de sua mãe, o desenvolvimento da consciência ambiental e a educação recebida acerca de valores como o cuidado, respeito e preservação do meio ambiente.

Dentro do grupo de jovens que tiveram suas primeiras motivações a partir das relações de socialização familiar, há aqueles cujas disposições ao engajamento militante ambientalista estão associadas a aspectos geográficos de moradia das suas famílias, como Laís:

Desde muito pequena, eu sempre fui uma criança que gostava de estar em contato com terra. Meus pais têm uma fazenda, minha avó morava no interior e mora até hoje. Minha mãe foi criada, se criou trabalhando na roça para poder dar sustento aos irmãos. Então, eu me espelhei muito na minha mãe. Desde pequena, ela sempre incentivou a gente a estar em contato com a natureza. Ela mostrava o pôr do sol pra gente, a gente subia a serra aqui de Santa Brígida.

Como pode ser percebido, o engajamento e o ingresso de Laís no GAASB² são reflexos do processo de socialização familiar, que se deu por meio da transmissão de valores, princípios, condutas e ensinamentos acerca do cuidado com a terra, principalmente pelo fato de a sua família ser de origem campesina.

Processo semelhante, mas com a presença e fortalecimento da socialização escolar, tece também o percurso de engajamento militante ambientalista da jovem Laise, que atualmente é moradora da zona rural de Serrinha:

O que me fez participar de movimentos ambientalistas e se interessar por assuntos sobre a natureza foi a questão que, quando eu era criança, eu morava em Salvador. Não gostava de lá, preferia quando eu vinha pra Serrinha pra estar no meio da minha família e, além de tudo, o contato diretamente com a natureza. Era onde eu tomava banho de rio, sempre estava indo para um riacho que tem aqui na roça do meu avô, estar ajudando na agricultura que eu ficava plantando com eles e sempre ouvindo relatos dele sobre a importância do meio ambiente. Foi através, também, de palestras tanto nas escolas, que eu participei até de uma passeata que teve no Dia do Meio Ambiente. Essas pequenas coisas que acabaram fazendo com que eu me apaixonasse cada vez mais e, além disso, sempre gostei de estar observando o por do sol, a natureza em si, os pássaros, são coisas que trago em mim.

Nota-se, pelos relatos de Laís e Laise, que a socialização familiar que sofreram tinha uma concepção de valor intrínseco da natureza, que se distancia da ideia de meio ambiente enquanto recurso disponível para o ser humano explorar e crescer economicamente, como aponta Grün (2007).

Os relatos dos jovens, como no caso da aproximação de Laise com o ambiente rural, permitem perceber como a aproximação com o engajamento militante ambientalista está, também, relacionada com questões de espaços e tempos geográficos nos quais estão inseridos conforme seus territórios de identidade, que revelam a plasticidade da condição juvenil, inclusive a própria diversidade de ações engajadas juvenis dentro dos movimentos, coletivos, grupos e organizações ambientalistas diz muito acerca dos processos de socialização que mais exerceram forças na construção e constituição dos seus percursos de engajamento.

As histórias de Laís e Laise enfatizam que,

quando os pais já têm o hábito de realizar atividades ao ar livre e em contato com a natureza, estas experiências se tornam mais recorrentes na vida das crianças. Nesse sentido, aparecem as referências aos pais que gostam de cultivar jardins e hortas, que procura os parques para recreação e lazer e que gostam de viajar. As escolhas e as condições materiais dos pais também apoiam as oportunidades que se têm na

² Grupo Aventura Ambiental de Santa Brígida.

própria residência: possuir quintais, plantas e animais domésticos, hábitos de consumo, práticas ecológicas realizadas em casa (GONÇALVES, 2010, p. 129).

Consideramos que isso seja um ponto-chave para compreender que, embora todos os jovens entrevistados sejam militantes engajados ambientalistas, suas formas de atuação e engajamentos variam em suas causas, conforme as heranças ambientais familiares e de acordo com suas localizações espaciais.

Por isso, em primeira instância, o entendimento acerca dos motivos e razões que levam os jovens a se engajarem na militância ambientalista, ou seja, as suas disposições não devem passar distantes da compreensão de que juventude é uma categoria plural, histórica e socioespacial, como afirma Bourdieu (2003, p. 151): “a juventude é apenas uma palavra”. E, portanto, ser jovem da classe média é diferente de ser jovem da classe popular. Ser jovem da cidade é diferente de ser jovem do campo. Nascer e crescer num núcleo familiar de pessoas envolvidas ou engajadas em causas ambientais é diferente de quem não nasce e cresce nessas situações.

Em linhas gerais, as formas como os jovens são socializados e constroem seus percursos de engajamento militante ambientalista não se limitam à família, mas estão articulados com a multiplicidade de questões que compõem os espaços e tempos da condição juvenil, que paulatinamente vão demarcando seus lugares e posições sociais, políticas, ideológicas e culturais.

- Jovem oriundo de família sem interesses com as problemáticas ambientais

É muito menor a quantidade de jovens que relatou a ausência de qualquer manifestação ou interesse de suas famílias, em especial seus pais, com as problemáticas ambientais.

A história de Uenderson revela que, embora seu pai trabalhasse com mineração, não havia uma preocupação por parte do seu pai quanto aos danos causados pela prática da mineração. Essa falta de preocupação associada aos valores familiares pautados na ideia de meio ambiente como lugar de exploração e produção econômica contribuíram para que Uenderson questionasse tal transmissão e, ao mesmo tempo, utilizassem-os para construir seu percurso de engajamento militante nos movimentos ambientalistas:

Sinceramente, na minha infância, não teve nenhuma parte que eu falasse assim: “oh, meu Deus do céu, vou virar ambientalista”. Até porque eu sou de uma parte contrária: meu pai trabalhou sempre na mineração e sempre aonde eu ia (eu morei em algumas cidades do Brasil) todas eram com mineração, ou seja, uma das coisas que mais

destrói o meio ambiente hoje em dia é a mineração e a minha vida sempre foi nessa área [...] E como eu sabia: “Poxa meu pai, durante muito tempo, ajudou a destruir o meio ambiente. Então, acho que eu vou começar a fazer alguma coisa pra tentar resgatar”. Hoje em dia, minha função, uma coisa que eu tenho é tentar consertar um pouco os erros que meu pai por meio da mineração fez para a terra.

O que Uenderson narra leva a perceber que um dos maiores motivos que fizeram com que ele se engajasse na militância dos movimentos ambientalistas foi o desejo de “pagar a dívida” ambiental do seu pai enquanto minerador e explorador da terra. Para Uenderson, não seguir o mesmo percurso de vida do pai significa ter posturas diferentes e mais éticas em relação ao meio ambiente. Nesse sentido, o conjunto de valores transmitidos pelo seu pai foi acionado como meio para tornar-se um jovem ambientalista engajado.

O percurso de engajamento militante de Uenderson expressa que os meios de socialização pelos quais Uenderson transitou para construir seus repertórios e percursos de engajamento militante ambientalista colocam em evidência a capacidade de os jovens em questionar e refutar alguns valores transmitidos pela família e que, a partir de suas observações e contatos com outras instituições, os jovens passam a considerar como comportamentos antiéticos, que vão de encontro com a perspectiva de construção de sociedades mais sustentáveis, justas e igualitárias.

Dessa maneira, segundo Sposito (2014), os processos de socialização e as diferentes formas como os jovens absorvem e externalizam esses processos são derivadas das condições contemporâneas em que os jovens estão inseridos e acionam suas capacidades de pensar e agir socialmente.

- *Jovens de famílias engajadas*

No universo dos 10 jovens entrevistados, apenas uma jovem – Elen – relatou que o seu engajamento militante ambientalista tem raízes e está, estreitamente, relacionado ao engajamento do seu pai em movimentos e causas ambientalistas, por ele ser do Movimento Hare Krishna. E, desse modo, o compartilhamento de valores e práticas sustentáveis dentro de sua casa, os diálogos construídos sobre a realidade cotidiana das causas ambientais atreladas à sua participação – desde a tenra idade – nos movimentos ambientalistas tornaram o mundo dos debates, reflexões e engajamento militante como um percurso, praticamente, natural:

Meu pai era do Movimento Hare Krishna. Então, ele seguia como base e ensinou tanto a mim quanto a meu irmão que era importante

proteger os animais, proteger o meio ambiente, cuidar. Então, nós dois fomos criados nessa mesma forma, acabou que fomos crescendo e, quando eu escolhi área de meio ambiente, eu percebi que era o que eu queria, que aquilo que desde pequena eu sempre aprendi com ele, a estar cuidando de tudo. E assim, eu fui aproximando de várias outras pessoas que tinham o mesmo ideal que o meu e aí juntamos, fizemos essa parte de movimentação ligada ao meio ambiente, de cuidar, de propagar pra todo mundo que o ideal é estar mesmo cuidando de tudo e preservando o máximo que puder. Mas enfim, veio mesmo desde pequena com meu pai.

A experiência familiar de Elen se diferencia das experiências dos outros jovens, pois há que se considerar que ter pais ou crescer num núcleo familiar de pessoas ambientalmente ativas e engajadas representam impactos positivos e incidem diretamente no percurso de jovens mais participativos, ativos, militantes e engajados.

Na realidade de Elen, além de haver um reforço no plano do discurso e da transmissão de valores no âmbito doméstico familiar acerca da preservação e cuidado com o meio ambiente, há também um estímulo maior no plano das ações, da participação em movimentos ambientalistas e, sobretudo, do exemplo do pai enquanto alguém que fala, orienta, ensina e ocupa um lugar dentro do engajamento ambientalista.

- Jovens com experiências escolares/acadêmicas que socializaram ou não para as problemáticas ambientais

Os relatos dos jovens, cujas experiências escolares estão associadas aos seus envolvimento com as problemáticas ambientais, apontam atividades escolares, professores de determinadas disciplinas e maior identificação com alguns componentes curriculares como fortes influências de motivação ao engajamento ambientalista.

Rafael, por exemplo, afirma que, embora sua família não fosse engajada ou demonstrasse interesse pelas discussões acerca das problemáticas ambientais, ele teve o privilégio de ter tido excelentes professores de Ciências e estudar em escolas que valorizavam as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Esse processo de socialização escolar pertinentes à temática meio ambiente influenciou também no seu desejo de, futuramente, cursar Biologia:

Desde criança, eu sempre me achei uma pessoa muito ativa. Sempre quando eu tinha tempo, estava em contato com a natureza, ia pra serra, saía com os amigos e tal. Mas, foi quando eu comecei realmente a estudar, a gostar principalmente de Ciências, que a gente falava de animais, plantas e eu tinha uma curiosidade incrível sobre isso; porque também a gente via sobre a questão do aquecimento global. Aí, já entrei mais na 4ª série, 5ª série e, disso em diante, teve um projeto na escola que era pra plantar árvores no colégio e cada turma ficava

responsável na semana por cuidar dessas árvores. Então, isso foi um estopim pra gostar mais da questão do meio ambiente, da natureza e, quando cheguei ao Ensino Médio, eu tive a oportunidade de participar de uma palestra da ONG Nordeste. E eu fiquei muito encantado com isso, porque eu via um trabalho muito magnífico em relação ao meio ambiente, à preservação da fauna, da flora e com isso algo foi florescendo dentro de mim e eu fui me apaixonando, realmente, pela causa.

O que Rafael mostra, serve como alerta para o quanto as atividades, a exemplo de palestras, aulas e projetos que abordam a temática meio ambiente podem surtir efeitos positivos na construção de disposições juvenis para o engajamento ambientalista. Neste mesmo ponto, Jéfferson relata que suas motivações seminais ao engajamento ambientalista e, conseqüentemente, sua inserção nos movimentos estão muito fortemente relacionadas às suas experiências escolares.

Lembrando da minha vida na infância, o que mais me remete a movimento ambientalista é que, quando eu estudava em São Paulo, tinham alguns soldados do exército que faziam palestras, visitas na escola em que eu estudava, eu tinha acho que uns cinco anos. E tipo, nos fascinava aquilo de estar na selva, de cuidar, de proteger. Ainda me lembro de uma atividade, meio que uma dinâmica sobre a Amazônia e tal. E isso foi um marco gigantesco, que alavancou esse sentido de querer entrar no movimento ambientalista.

As histórias de Rafael e Jéfferson remetem às discussões de Dayrell (2007), mais especificamente ao texto *“A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”*, quando o autor discute e problematiza as relações que a escola ocupa nos processos de socialização juvenil na contemporaneidade. Segundo o autor, por vezes, a escola tem sido o palco de tensões e conflitos entre os seus processos de socialização e a juventude, devido aos novos dilemas, desafios, possibilidades e limites apresentados na contemporaneidade:

Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Aspectos da fala do autor podem ser percebidos no relato de Melinda ao expressar seu descontentamento com o processo de socialização escolar referente aos subsídios dados pela escola para a construção do seu engajamento militante ambientalista. Pela sua experiência, Melinda afirma que, além da influência exercida

pela socialização familiar, o aprimoramento de suas disposições ao engajamento está muito relacionado à sua participação nos grupos ambientalistas, como o Engajamundo e o Greenpeace, e pouco relacionada às suas experiências escolares e acadêmicas: “A escola deixou muito a lacuna desses processos, eu não tenho recordação de ter trabalhado questões relacionadas ao meio ambiente como a gente trabalha hoje com o Engajamundo e o Greenpeace”.

O ponto de vista de Melinda que não deslegitima a função social e política da socialização escolar; mas se apresenta como indicativo das múltiplas possibilidades que a escola pode exercer para a disposição ao engajamento militante ambientalista. Isto é, Melinda não nega nem invalida a importância da escola enquanto instituição socializadora juvenil. Ao contrário, mesmo em face ao seu desabafo e denúncia de como compreende as relações entre juventude, meio ambiente e escola, Melinda reconhece que a escola é um importante potencial para despertar e fortalecer os espíritos e consciências ambientalistas juvenis.

Como pode ser visto nos relatos dos jovens, os repertórios de socialização trazem em seu bojo o poder de incorporação de modos de ser de uma instituição ou de grupo, que vêm carregados de visões de mundo, relações entre o passado, presente e futuro, bem como suas crenças e formas de escolher, decidir e se posicionar no mundo. Essas características, por sua vez, são importantes para se pensar como os jovens se constituem engajados por estas ou aquelas, a depender da maior incidência de determinadas instâncias ou grupos nos seus percursos de vida, conforme pode ser observado no relato de Vanessa Cinthia:

Na ONG em que eu sou voluntária, eu fiz cinco anos agora em outubro. O que motivou a entrar nessa ONG foi o período em que eu estava no início da minha faculdade, eu deveria ter uns 19 anos, eu fui convidada para participar de uma limpeza de praia e para sensibilizar os banhistas quanto à questão do lixo nas praias, só que eu fui mais por causa de ponto, porque precisava para uma disciplina e aí eu fui.

Só que chegando lá, eu vi todo o engajamento do pessoal, que estava divertido e não foi uma coisa de catar lixo na rua, na praia. Era coisa de sentar com banhista e falar das coisas ambientais. Não era a função de ser gari, entendeu? Era mais de educação ambiental mesmo. E, nessa ocasião, quem estava acompanhando o pessoal do Greenpeace e aí eu gostei do trabalho deles e de tudo o que estava acontecendo, foi quando me candidatei a ser voluntária da ONG. Eu me cadastrei em 2009 pelo site deles e só fui para a seleção em 2011.

A partir de cada campanha do grupo, eu ia pesquisando, eu ia aprendendo e nas atividades do Greenpeace se você vai tendo contato com o público, você vai tendo várias visões, você sai da sua caixinha e vê que têm pessoas que têm pensamentos diferentes dos seus. Você

tem a teoria e eles têm a prática, que não é tudo tão belo como você vê nos livros. E eu acho que foi isso que me motivou a engajar e ficar no grupo por tanto tempo.

A história de socialização e engajamento de Vanessa Cinthia apresenta um alerta de que não são as escolas, faculdades e universidades, necessariamente, que formam ou geram jovens engajados e militantes ambientalistas. Pelo seu processo de socialização acadêmica – à época em que estudava Engenharia Ambiental – ela relata que as atividades acadêmicas trouxeram à tona suas disposições ao engajamento ambientalista ao aproximá-la do Greenpeace, embora não fosse objetivo do curso desenvolver ou despertar essa disposição e, além disso, a forma como seus colegas lidavam com o meio ambiente se dava de maneira desigual.

Por esse viés, pode-se presumir que ainda com as falhas e contrastes presentes na educação escolar, a escola pública é a que mais se apresenta como um campo propício e fomentador da crítica, protesto e resistência às práticas antidemocráticas e à formação exitosa de uma juventude política mais crítica, reflexiva e contrária aos retrocessos políticos e sociais como, inclusive, tem sido visto nos últimos anos, em diversas escolas brasileiras.

É na escola pública que se constrói e reforça, de modo mais consistente e libertador, o pensamento de que a politização muda vidas e o diálogo é um caminho eficaz à transformação e emancipação. Por isso, é preciso pensar e perceber nas linhas e entrelinhas dessa juventude que tem ido às ruas, ocupado escolas e ecoado suas vozes, que a escola pública tem grande participação na formação engajada e militante desses jovens que lutam e resistem, justamente porque a luta e resistência ocorrem a partir dos problemas que a própria escola pública apresenta e enfrenta, ou seja, esses sujeitos falam de onde seus pés pisam.

É preciso pontuar que a grande maioria dos jovens ambientalistas é oriunda das camadas populares e isso não é mera coincidência ou obra do acaso. Esse fato, inclusive, pode ser observado ao analisar que os jovens engajados na militância ambientalista e que participaram da pesquisa, cujas disposições foram suscitadas pelas experiências escolares, são oriundos de escolas públicas. Desse modo, com todas as limitações e desafios constantes, a escola pública e os espaços educativos localizados em áreas das camadas populares, têm sido o terreno mais fértil para fomentar a formação e participação política dos jovens. Assim, constatamos que os jovens que participaram de nossa pesquisa, fazem parte das camadas populares e são aqueles que

mais tendem a participar de forma mais ativa dos grupos, coletivos, movimentos e organizações ambientalistas.

É na arena desses espaços sociais e políticos que a juventude engajada na militância ambientalista amplia, também, suas possibilidades de sujeitos sociais e políticos; aceitam e refutam determinados tipos de posturas e ideologias; criam, fazem e constroem seus percursos de jovens que se engajam e militam por causas que acreditam e consideram legítimas e necessárias para a construção de um mundo melhor, diga-se de passagem, mais sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em tela permitiu-nos concordar com Brenner (2014) quando tratou sobre as narrativas dos jovens que explicitam e reforçam que o cruzamento das linhas de suas trajetórias de vida particular com as linhas da vida pública oxigena os processos de formação dos sujeitos sociais, políticos e ecológicos juvenis (BRENNER, 2014).

Dada à natureza plural, histórica, social e singular da ideia de juventudes, o passado e presente nas narrativas dos jovens entrevistados assumem a condição de uma espécie de “espelho retrovisor”, onde professores, pais, amigos, paisagens, determinados lugares, certas emoções, certos referenciais, lembranças da infância e realidades sociopolíticas aparecem em suas narrativas como constituintes do mosaico de possibilidades e tendências de suas inclinações ao engajamento e militância nas questões ambientais.

Aproximar-se e compreender as vias de socialização que potencializam a entrada dos jovens no engajamento militante ambientalista significou traçar um percurso de pesquisa capaz de levar aos cenários de socialização que dão abrigo ao engajamento juvenil na militância ambientalista; onde os processos de socialização não são mecanismos de encaminhamento passivo dos jovens a determinadas disposições de engajamento, como se os jovens estivessem destinados a atuar nesta ou naquela militância.

As narrativas dos jovens entrevistados dão pistas de que entre os seus processos de socialização e o engajamento na militância ambiental existe a marca identitária de como cada jovem internaliza e externaliza a transmissão de aprendizagens, condutas, posturas e percepções adquiridas por meio da família, escola, faculdade e grupos de amigos.

Importante destacar que, na concepção dos jovens, os grupos, coletivos, organizações e movimentos ambientalistas exercem um papel fundamental no reforço, estímulos e estruturação das suas disposições ao engajamento militante, uma vez que esses espaços se constituem como comunidades de práticas, onde os jovens formam suas identidades e produzem significados para suas vidas na esfera individual e coletiva, na atuação da vida privada e da vida pública (GONÇALVES, 2010).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renato Souza de. **Participação política, quando o jovem entra em cena**. 2008. Disponível em: <<http://www.conteudoseducar.com.br/conteudos/arquivos/3951.pdf>> Acesso em: 02 set. 2016
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BRENNER, Ana Karina. Jovens e militância política. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.
- _____. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. In: VIEIRA, Maria Manuel *et al* (Orgs.). **Habitar a escola e as suas margens: geografias plurais em confronto**. Porto Alegre: Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação, 2013.
- CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.
- CASTRO, Lucia Rabello de. **Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v16n30/15.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2016.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 19 ago. 2016
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Trad. Andrea Stahel da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GONÇALVES, Paulo Marco de Campos. **“Anticorpos de Gaia no encontro das águas”**: trajetórias de aprendizagens de jovens nas trilhas do ambientalismo. 2010. 274 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação.
- GRÜN, Mauro. A Pesquisa em Ética na Educação Ambiental. In: **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 2, n. 1, p. 185-206, 2007. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/pea/article/viewFile/30025/31912>> Acesso em: 07 ago. 2016.

NAZZARI, Rosana Katia. **Capital social e socialização política dos jovens no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/21003674-Capital-social-e-socializacao-politica-dos-jovens-no-brasil.html>> Acesso em: 05 set. 2016

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Territórios jovens: técnica e modos de vida. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.

SPOSITO, Marília Pontes. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.